



Revista Ibero Americana de Estratégia

E-ISSN: 2176-0756

admin@revistaiberoamericana.org

Universidade Nove de Julho

Brasil

Ribeiro Serra, Fernando Antonio; Silva Portugal Vasconcelos Ferreira, Manuel Aníbal
PROPOSTA DE UM MODELO PARA O INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PELOS PARECERISTAS
Revista Ibero Americana de Estratégia, vol. 14, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp. 1-6
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=331238457001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

COMENTÁRIO EDITORIAL

PROPOSTA DE UM MODELO PARA O INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO PELOS PARECERISTAS

Fernando Antonio Ribeiro Serra

Editor Científico RIAE

Universidade Nove de Julho - UNINOVE
Programa de Pós-Graduação em Administração

Manuel Aníbal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira

Editor Adjunto RIAE

Universidade Nove de Julho - UNINOVE
Programa de Pós-Graduação em Administração

Na sequência de alguns trabalhos que temos vindo a realizar sobre a pesquisa e publicação científica em Administração no Brasil, os motivos e rejeição, os sistemas de avaliação (incluindo o Qualis), as relações de coautoria, entre outros, fomos desafiados a escrever um artigo propondo um instrumento para avaliação pelos pareceristas. Na sequência de comentários editoriais anteriores, optamos por escrever este texto na forma de comentário editorial e não de artigo acadêmico, inclusive por respondermos ao desafio utilizando como proposta o modelo de instrumento que desenvolvemos na RIAE durante 2013 e 2014. Este comentário editorial complementa outro publicado na RIAE, v.13, n.2, de Ferreira (2014) sobre o papel do parecerista onde propôs um roteiro que novos pareceristas poderiam seguir.

Porque é relevante disponibilizar um instrumento? Primeiro devemos debater se é importante para os pareceristas um instrumento roteiro.

Em acesso às páginas de internet de vários dos principais periódicos internacionais não ficou evidente que a maioria use um modelo pré-definido. Então os pareceristas, nestes periódicos que não usam um roteiro pré-estabelecido, escrevem duas cartas. Uma é o parecer sob a forma de um texto “livre” ao autor. A outra é uma breve nota ao editor onde pode tecer algumas considerações sobre o artigo e esclarece a sua recomendação para o artigo (aceitar, fazer alterações, rejeitar). Ficou sim evidente que muitos periódicos disponibilizam um conjunto de recomendações aos pareceristas. Por exemplo, o *Academy of Management Journal* disponibiliza uma página para pareceristas com diversos recursos, incluindo exemplos de bons pareceres (ver em: <http://aom.org/Publications/AMJ/AMJ-Reviewer-Resources.aspx>) e uma listagem de “boas práticas” na elaboração do parecer. Tratando-se de periódicos de destaque e consolidados, a expectativa parece ser que

estas orientações são suficientes dado que os pareceristas são experientes e autores prolíficos.

No entanto, numa pesquisa recente envolvendo milhares de pareceristas em diversas áreas do conhecimento e países, Mulligan, Hall e Raphael (2013), expõem alguns aspectos que podem melhorar a qualidade da revisão e a produtividade dos avaliadores. Dentre os resultados a que chegam notaram, por exemplo, que mais de metade dos pareceristas gasta 6 horas ou mais revisando os artigos. Também concluem que os pareceristas poderiam receber treinamento e que orientações claras e consistentes, com instrumentos de revisão, melhorariam a qualidade da revisão. Ficou ainda evidente nos dados da pesquisa que um número significativo de pareceristas tem poucas publicações, denotando-se assim alguma falta de experiência inclusive em enfrentar o processo editorial. Assim, podemos inferir que a existência de um instrumento, ou roteiro, para uso dos pareceristas parece ser necessário e útil para ajudar a melhorar a qualidade e escopo da avaliação. Em especial, estes instrumentos são relevantes quando os pareceristas são menos experientes.

A preocupação com a existência de instrumentos e a qualidade da revisão (e do processo de revisão pelos pares) emerge também em outras disciplinas, para além de Administração. Por exemplo, este assunto foi objeto de debate no *workshop* de 2014, do Medical Physics, um periódico de alto impacto em medicina, onde se examinou a necessidade e importância de instrumentos para revisores. Shivas Das (2014), um dos editores do periódico argumentou que tais instrumentos se justificam pela inexperiência de parte dos pareceristas, pelo fato de mesmo pareceristas experientes poderem deixar passar pontos relevantes na avaliação, e pela necessidade de padronização dos elementos de revisão. Então, a existência e disponibilização de um instrumento pode auxiliar a melhorar a qualidade das críticas – que se pretendem construtivas – no sentido de auxiliar o autor(es) a melhorar o manuscrito. O instrumento também é útil para orientar a decisão dos editores.

O instrumento, em nossa experiência e convívio com outros editores, é relevante para orientar os pareceristas no que devem analisar. É relevante para os autores, que assim receberão avaliações organizadas dos vários pareceristas que analisaram o seu artigo. Quando os pareceristas recebem um instrumento padronizado que solicita uma avaliação das diversas partes do artigo é provável que o autor beneficie de uma análise de aspectos que precisam ser melhorados em todas as seções em vez de apenas uns comentários

gerais sobre o artigo. E, é relevante para o editor que consegue gizar uma imagem mais evidente, não apenas dos problemas dos artigos mas, também, das recomendações que os pareceristas proporcionam aos autores. Assim, é um instrumento que serve para o editor poder melhor selecionar o corpo de pareceristas que utiliza.

O nosso objetivo neste comentário editorial é, assim, o de apresentar uma proposta de instrumento que os pareceristas dos periódicos em Administração podem utilizar nas suas avaliações. Além da apresentação do instrumento fazemos uma breve discussão, mas sempre salientando que a nossa proposta não é prescritiva e que pode ser ajustada aos objetivos e linha editorial de cada periódico.

1 O INSTRUMENTO PROPOSTO

Em seguida apresentamos o modelo de instrumento que propomos. De salientar que este modelo contempla quatro partes. Na primeira parte, identifica o título e o parecerista (no sentido de manter o processo anônimo este será um código interno de cada parecerista). Na segunda parte, incluímos um conjunto de questões genéricas, para avaliar numa escala tipo Likert de 5 pontos ancorada em 1 -pouco e 5 – muito que contempla aspectos fundamentais numa avaliação prévia. Em essência, nesta parte não pretendemos uma análise profunda, mas apenas a verificação de aspectos fundamentais de ajustamento ao escopo da revista (se o assunto é de estratégia), se o artigo tem uma contribuição (item 2), se o artigo tem coerência entre título e resumo e o corpo do trabalho (item 3) e, em seguida, três seções fundamentais do artigo: a revisão da literatura (item 4), as hipóteses ou desenvolvimento conceitual (item 5) e o método (item 6). A qualidade da redação surge no item 7.

A terceira parte do artigo solicita ao parecerista uma avaliação específica a cada uma das seções do artigo (ver Ferreira, 2013a).

A última parte solicita ao parecerista a sua recomendação final oferecendo cinco possibilidades. O parecerista pode recomendar aceitar o artigo sem mais alterações, pode sugerir uma das três possibilidades de o autor fazer alterações (no fundo, a sua recomendação nestas opções reflete a profundidade de alterações que são necessárias ao artigo. A última opção é a reprovação. É necessário definir se esta última parte deve ser disponibilizada aos autores ou se se mantém de acesso exclusivo para o editor.

TÍTULO:

(escrever título aqui)

Parecerista #:

(código do parecerista)

	Pouco			Muito	
Avalie os seguintes aspectos	1	2	3	4	5
O artigo trata de elementos teóricos ou empíricos da área de Estratégia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O artigo apresenta novidade ou relevância científica (tema, teoria, método, resultado)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O título, o resumo/abstract e as palavras chave representam uma boa ideia do artigo como um todo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A revisão de literatura tem qualidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O artigo tem qualidade no desenvolvimento conceitual ou teórico?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O artigo tem rigor metodológico?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O artigo está bem escrito e é claro?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se solicitado para revisão, o artigo tem potencial de melhoria substancial?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1. INTRODUÇÃO

Faça uma avaliação sobre a introdução, incluindo a explicitação da questão de pesquisa, apresentação do método, indicação dos principais resultados e contribuição do artigo.

(escreva aqui a sua análise)

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Avalie se o referencial é coerente com a questão de pesquisa proposta, se é contemplado o estado-da-arte sobre o assunto e se são utilizadas as obras relevantes sobre o tema.

(escreva aqui a sua análise)

3. HIPÓTESES

Avalie a fundamentação das hipóteses e coerência da argumentação. Trabalhos conceituais poderão conter proposições, esperando-se o desenvolvimento de nova teoria. As hipóteses estão adequadamente argumentadas.

(escreva aqui a sua análise)

4. MÉTODO

Avalie o rigor metodológico. Analise aspectos como a clareza dos procedimentos, descrição das variáveis usadas, do instrumento ou fontes de dados.

(escreva aqui a sua análise)

5. RESULTADOS

Avalie as técnicas usadas e a indicação dos resultados no corpo do texto. Analise se os resultados testam efetivamente as hipóteses propostas. Se o artigo tem hipóteses verifique que há indicação dos resultados dos testes de cada hipótese.

(escreva aqui a sua análise)

6. DISCUSSÃO

Comente se há consistência na análise dos resultados, se a discussão é adequada, e se o artigo inclui limitações e sugestões de pesquisa futura.

(escreva aqui a sua análise)

7. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comente se a conclusão ou considerações finais são coerentes com o tema proposto no artigo.

(escreva aqui a sua análise)

8. AVALIAÇÃO GERAL

Aponte no espaço abaixo sugestões adicionais aos autores para melhoria do artigo quanto a: (a) Conteúdo (resumo, desenvolvimento, interpretação, métodos e conclusões); (b) Forma (estrutura, linguagem, legibilidade); (c) outros comentários úteis aos autores.

(escreva aqui a sua análise)

9. CONCLUSÃO DO PARECER

Recomendação final:

- ☐ Aprovar
- ☐ Aprovar após pequenas alterações, conforme sugestões
- ☐ Necessita nova avaliação após algumas alterações (*minor revision*)
- ☐ Necessita nova avaliação após alterações substanciais (*major revision*)
- ☐ Reprovar

2 BREVE DISCUSSÃO SOBRE O INSTRUMENTO PROPOSTO

O instrumento que propomos tem o objetivo explícito de orientar o parecerista. No essencial ao ter um instrumento que é disponibilizado ao parecerista, a revista também sinaliza o que pretende que avalie no artigo. Mas, talvez ainda mais importante, ao disponibilizar um modelo como o que propomos, conduzimos o parecerista a comentar sobre cada uma das seções do artigo submetido. Estes comentários e sugestões podem ser de grande valia para o autor que aqui encontrará indicações de como melhorar o artigo. Ou seja, disponibilizar um instrumento não é apenas útil para o parecerista, é útil também para o autor e para o editor.

O instrumento pode ser adaptado às características específicas dos artigos que estereotipicamente o periódico recebe. Por exemplo, se o periódico recebe mais artigos baseados em estudos de caso ou em outras abordagens qualitativas, pode ajustar os campos de avaliação para contemplar as especificidades que estes artigos têm. Assim, exemplificativamente, para artigos assentes em estudo de casos pode ser relevante incluir um campo para que o parecerista avalie se é evidente o critério de escolha do caso para o artigo. De modo similar, para artigos baseado em etnografia pode ser relevante avaliar os procedimentos seguidos. Estes ajustamentos serão sempre muito idiossincráticos ao periódico e ao tipo de artigos que o periódico pretende receber. Ou seja, da sua linha editorial.

Alguns aspectos adicionais podem ser introduzidos no instrumento. Por exemplo, dado o enfoque crescente à contribuição do artigo, pode incluir logo na primeira parte um item para avaliar especificamente se a contribuição é explícita (“O artigo explicita na introdução qual a contribuição?”). De igual modo, é comum que os autores não deixam bem explícita qual a questão de pesquisa que preside ao estudo. Se importa avaliar esta questão pode incluir um item específico (“A introdução deixa explícita a questão de pesquisa?”). Efetivamente, é sempre possível melhorar o instrumento mas sugerimos apenas que não o estenda exageradamente para não criar um ônus adicional para o parecerista.

Também as explicações para cada uma das partes pode ser apresentada de forma mais detalhada. Note que para cada um dos campos dos itens 1 ao 7 solicita a avaliação das seções dos artigos. Para cada itens escrevemos uma breve descrição do que pretendemos que o parecerista avalie. Estes aspectos não são exclusivos de outros mas sinalizam que estamos especialmente interessados nos aspectos salientados. Por exemplo, o item 5, sobre a seção de ‘Resultados’ explicita: “Avalie as técnicas usadas e a indicação dos resultados no corpo do texto. Analise se os resultados testam efetivamente as hipóteses propostas. Se o artigo tem hipóteses verifique que há

indicação dos resultados dos testes de cada hipótese”. No entanto, os ajustamentos a realizar podem proporcionar maior detalhe chamando a atenção para aspectos relevantes para o periódico. Por exemplo, questionado se as técnicas estatísticas são as mais adequadas para os testes que se pretendem. Se, os autores mostram ter realizado testes de normalidade dos dados (se a técnica assumir normalidade). Se há uma indicação específica do resultado do teste de cada hipótese. Etc. A maior dificuldade com estas explicitações adicionais é que diferentes artigos usarão diferentes técnicas pelo que será sempre difícil conseguir total adaptação. Ou seja, é importante conseguir um equilíbrio entre ter um instrumento balizador dos pareceres e um instrumento que se pode facilmente tornar restritivo e inútil.

O ponto 9 do modelo que propomos refere-se à recomendação do parecerista. Embora como autores gostemos de saber o que afinal o parecerista realmente pensa do artigo em termos de recomendação final, pode ser mais útil do ponto de vista editorial não incluir este ponto. Efetivamente, diferentes versões desta escala de cinco pontos são usualmente disponíveis nos periódicos de Administração Brasileiros. Porque não incluir? O papel do revisor (ver Ferreira, 2014) é auxiliar o editor, pelo que o seu parecer não é compulsório. Ou seja, primeiro, é comum haver mais de um parecerista para o artigo dado que a maioria dos periódicos funciona em sistema de *double-blind review* com pelo menos dois pareceristas; segundo, o editor é o responsável por fazer a avaliação final. Embora esta não seja exatamente uma prerrogativa que a comunidade considere legítima, justifica-se especialmente quando há grandes divergências nas avaliações dos pareceristas.

3 NOTAS FINAIS

A avaliação pelos pares é uma norma essencial que preside à publicação científica (Ziman, 1968; Oler & Pasewark, 2014). Mas, é importante entender que o processo editorial precisa funcionar de forma eficaz e eficiente porque tem um impacto real sobre a vida profissional dos pesquisadores (Hojat, Gonnella & Caelleigh 2003). Assim, uma das atribuições do editor é garantir que os artigos não são rejeitados em avaliações falhas. Talvez a grande virtude de disponibilizar um instrumento seja a de “forçar” o parecerista a realmente avaliar todo o artigo, não se limitando a observações vagas sobre o conteúdo que não auxiliarão o autor a melhorar o artigo e que não ajudam o editor na decisão de aceitar ou rejeitar o artigo de publicação.

As especificidades editoriais de cada periódico podem requerer ajustamentos ao modelo que propusemos. Na realidade, o nosso objetivo não foi prescritivo, nem o de apresentar um modelo que deva ser universalmente seguido. Antes, foi o de apresentar

uma proposta que pode ser melhorada e ajustada. Na realidade, é nossa convicção que no processo de elaboração do roteiro o editor e comitê científico ponderem sobre a linha editorial do periódico. Não é novidade que alguns periódicos assumem a sua preferência por artigos empíricos (como o *Academy of Management Journal*) e outros restringem a publicação a artigos teóricos (por exemplo, o *Academy of Management Review*). No entanto, no Brasil, a maioria dos periódicos de Administração aceita artigos com diversas abordagens metodológicas. Ainda assim, é possível que nos periódicos disciplinares a pesquisa realizada realmente exija que os ajustamentos sejam feitos. Por exemplo, o *Strategic Management Journal* não tem uma preferência metodológica explícita mas um levantamento dos artigos publicados entre 1980 e 2001 revelou que a grande maioria dos artigos publicados utilizou metodologias quantitativas e estatísticas multivariadas (Phelan et al., 2002).

Em conclusão, não há uma atuação universal dos periódicos sobre a utilização de instrumentos que são disponibilizados aos pareceristas para estes fazerem as avaliações dos artigos. Parece haver algumas vantagens de ter um instrumento para orientar os pareceristas, mas a existência destes instrumentos é inclusive útil para os autores que assim podem examinar *a priori* quais os critérios de avaliação. Também nos parece ser recomendável complementar o instrumento com um conjunto de outras orientações. Considerando que um dos papéis do processo editorial é ajudar os autores, os pareceres devem ser construtivos e motivadores. No entanto, muitos dos pareceres são talvez exageradamente críticos e acabam por não incentivar a melhoria. O que nos importa é ter críticas (na medida que apontam o que não está bem) mas que sejam, na medida do possível, construtivas – porque o autor precisa conseguir entender como melhorar. Não significa isto que o parecerista tem a obrigação de ajudar o autor a escrever o seu artigo, a definir a questão de pesquisa ou a dizer qual a contribuição – os papéis de pareceristas e autores são bem diferentes – mas é possível ter uma atitude essencialmente construtiva. Há, portanto, um elemento de contributo mais amplo para o desenvolvimento dos próprios pesquisadores que pode ser trabalhado pelos periódicos e para o qual a existência de um instrumento padrão, complementado por outras orientações, pode contribuir.

REFERÊNCIAS

- Campbell, P. (2006). *Nature peer review trial and debate*. Available at <http://www.nature.com/nature/peerreview/index.html>. Acesso dia 20/11/2014.
- Das, S. (2014). *Guidelines and templates for reviewers and associate editors*. Available at <http://www.medphys.org/Workshop2014.asp>. acesso 20/11/2014.
- Ferreira, M. (2013a). Comentário editorial. A pesquisa e a estruturação do artigo acadêmico em Administração. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 12(2), 1-11.
- Ferreira, M. (2013b). Comentário editorial. O processo editorial: Da submissão à rejeição (ou aceite). *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 12(3), 1-11.
- Ferreira, M. (2014). Comentário editorial. Como rever um artigo: O papel do revisor e um roteiro para novos revisores. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 13(2), 1-9.
- Hojat, M., Gonnella, J. & Caelleigh, A. (2003). Impartial judgment by the “gatekeepers” of science: Fallibility and accountability in the peer review process. *Advances in Health Sciences Education*, 8(1), 75-96.
- Oler, D. & Pasewark, W. (2014). How to review a paper. (January 28, 2014). Available at SSRN: <http://ssrn.com/abstract=2194232>.
- Phelan, S., Ferreira, M. & Salvador, R. (2002). The first twenty years of the Strategic Management Journal. *Strategic Management Journal*, 23(12), 1161-1668.
- Ziman, J. (1968). *Public knowledge: An essay concerning the social development of science*. London, UK: Cambridge University Press.